



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

9. FÔRÇAS ARMADAS

RIO DE JANEIRO, 11 DE JUNHO DE 1965.

NO MINISTÉRIO DA MARINHA, NAS CO-
MEMORAÇÕES DO «DIA DA MARINHA».

Bem avalio o singular significado das comemorações do dia de hoje.

A Marinha se volta para um recuado tempo glorioso. As instalações navais e os navios, em continência a chefes heróicos e a heróis subordinados. Tudo se alteia. Mas não se detém na caminhada das Forças Armadas e do Brasil.

Longe de nós, a esta altura da história, a comemoração propriamente de um feito vivido por povos então separados, hoje fraternalmente unidos pela paz e pelo interesse comum. Nem mesmo esquecemos que os adversários de há cem anos eram também heróis em seu destino militar.

O que se comemora no 11 de junho de 1965 é a conduta imarcessível no cumprimento do dever, o ânimo que vem inspirando sucessivas gerações de marinheiros.

O dever do 11 de junho de 1865 ficou gravado num lema imortal, que transbordou da Marinha para todos os brasileiros.

Não se deve somente evocar o dever cumprido. Já naquela data, a Marinha compreendia a aptidão imanente de qualquer Força Armada para a integração com outro elemento combatente.

A organização para a batalha de Riachuelo, adequada, sem dúvida, às particularidades de circunstâncias e de meios da época, continha, a bordo dos navios, tropas do Exército, quase em número igual de praças e com mais de 50% de oficiais terrestres em relação aos do Corpo da Armada.

O contingente do Exército embarcado estava absolutamente sob o comando do Comandante da Esquadra, e a operação foi naval, a vitória foi da Marinha. Mas o grande feito sobre as águas mostrou que a cooperação entre Fôrças diferentes é inelutável em todos os tempos. Mostrou mais do que isso, pois registrou, sobretudo, a integração de combatentes sob um mesmo chefe e com a mesma missão.

Essa aptidão da Marinha, já verificada na própria batalha, atravessou um século juntamente com as glórias da peleja, e hoje é também apanágio de sua grandeza e eficiência. É um exemplo para as outras Fôrças Armadas do Brasil.

A Marinha de 1965 é fiel a seu passado e sabe garantir a sua atualidade e o seu futuro. E o faz com chefes à altura de sua evolução.

O personalismo e o conservadorismo são fatores que criam os reacionários militares. O personalismo é a negação da chefia, da liderança e do funcionamento dos estados-maiôres. O conservadorismo é a falta de visão e de perspectiva da história. Ambos geram preconceitos inconciliáveis com a evolução.

A Marinha Brasileira caminha para a frente, sob o comando de seus chefes, de todos os escalões, em seu glorioso destino. É bem a Marinha de Barroso e de Marcílio Dias a Marinha da Revolução de 31 de março de 1964. É a Marinha integrada no conjunto das Fôrças Armadas do Brasil.

Como Comandante Supremo das Fôrças Armadas, participo desta reunião com os mesmos sentimentos da oficialidade naval. Levanto a minha saudação, em nome das outras Fôrças Armadas, à Marinha Brasileira, a seus chefes, a seus marinheiros e a todos os seus servidores.

Assinolo em particular o meu aprêço a seu Chefe mais elevado, o Ministro Paulo Bosisio. A sua destacada atuação tem sido uma garantia da eficiência da Marinha. A sua serenidade justapõe-se à seriedade modelar. Os seus predicados de autoridade estão sempre rodeados de um superior sentido humano. Procura, com elevado espírito público e sem injunções, dominar tôdas as

questões e solucioná-las com o inalterável propósito da eficiência naval. A confiança em sua pessoa está sempre na decorrência de sua conduta de Chefe de pensamento e de ação.

Senhor Ministro, receba a saudação militar do Brasil, de todo o Brasil, e a transmita a todos os seus comandados, à gloriosa Marinha do Brasil.